

RESENHA

RICHTER, Leonice Matilde. Clássico Marxista: “Dialética do concreto”. Revista Educação e Políticas em Debate, Uberlândia, v. 1, n.1, p. 236-248, 2012. [Seção] Resenha. Resenha da obra de: KOSIK, KAREL. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/17383>

CLÁSSICO MARXISTA: “DIALÉTICA DO CONCRETO”

Responsável pela Resenha:

Leonice Matilde Richter¹

Universidade Federal de Uberlândia

Nos últimos anos, observamos a retomada de muitas obras, desconsideradas por muitos pesquisadores no final do século passado, quando o marxismo foi taxado de ultrapassado e subjugado a não mais atender às demandas do mundo atual. Ironicamente, a contradição ronda essa afirmação e observamos a própria história apontar que parte da academia enterrou cedo demais o marxismo, o qual continua necessário, atual e, ainda, insubstituível na crítica da estrutura capitalista, assim como na indicação das possibilidades de sua superação. A demanda do método marxista no estudo da realidade coloca em destaque a presente obra resenhada.

O autor do livro a “Dialética do concreto”, Karel Kosik, de origem tcheca, nasceu em Praga no ano de 1926 e, ao longo da vida, participou como membro do Partido Comunista Tcheco, no qual atuou na resistência clandestina e em diferentes frentes em busca do socialismo humanista. O tomo, ainda que escrito no vigor dos trinta e poucos anos do autor, representa uma densa e consistente obra filosófica marxista, que se propõe à análise do materialismo dialético, retomando um problema fundamental que busca compreender o que é propriamente, no marxismo, a práxis.

A necessidade prática do autor de retomar a exposição a partir da raiz, a impossibilidade de tocar diretamente nos problemas fundamentais sem primeiro ter eliminado as falsas colocações e o apreço de conceitos clássicos das obras de Marx dão a aparência de um livro modesto, mas que se compõe complexo e essencial para aqueles que trilham a vertente marxista.

¹ Professora da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9049041703208746>. E-mail: leonice@ufu.br

O livro apresenta quatro capítulos que demandam ao leitor a visão completa da obra para a sua compreensão, visto que o próprio autor definiu o livro como um todo orgânico. Inicialmente, encontramos uma pequena nota sobre o autor, a qual destaca Kosik como “uma das mais eminentes figuras da cultura marxista” (p.07). Em seguida, encontramos uma “Advertência do autor”, redigida em 1961, dois anos antes da sua publicação original em tcheco no ano de 1963, na qual o autor enfatiza que os conceitos fundamentais do livro abarcam dois trabalhos apresentados por ele na década de 60, “Dialectique Du concret e Filosofické problémy struktury a systému”.

O *primeiro capítulo* da obra é intitulado “Dialética da totalidade concreta”, no qual o autor trabalha três pontos centrais: “O mundo da pseudoconcreticidade e a sua destruição”; “Reprodução espiritual e racional da realidade” e “A totalidade concreta”. Inicia a reflexão, destacando que a realidade não se apresenta imediatamente ao homem, por isso, na dialética, se distinguem a representação e o conceito da coisa em si, que são duas dimensões de conhecimento da realidade; mais do que isso, duas qualidades das práxis humana. Tal fato decorre porque o homem perante a realidade não se constitui como um abstrato sujeito cognoscente, e sim como ser que age objetiva e praticamente sobre a natureza diante de seus interesses/necessidades, permeado por um conjunto de relações sociais. Nesse sentido, o homem, inserido concretamente neste mundo, experimenta, inicialmente, uma atividade prático-utilitária por meio da qual ele cria as suas próprias representações das coisas, gerando as formas fenomênicas da realidade. Entretanto, essas formas fenomênicas são distintas e mesmo contrárias em relação ao núcleo interno essencial e seu conceito correspondente da coisa.

Na vertente do autor, a práxis utilitária é, portanto, envolvida pelo senso comum e não pela compreensão consciente do real. Assim, é necessário avançarmos para além da pseudoconcreticidade, desnaturalizar o que se coloca como natural.

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade (KOSIK, 2010, p. 15)

Como característico, nesse mundo da pseudoconcreticidade, permanecemos na superficialidade, ficamos distantes do que é realmente essencial, vivemos uma práxis fetichizada. Por conseguinte, é importante perceber que a essência não se apresenta imediatamente, ela é mediata ao fenômeno, o qual ao mesmo tempo a revela e a esconde. Para captarmos a essência, é necessário analisar o fenômeno, entender como a coisa em si se manifesta nele. Pela manifestação

do fenômeno, podemos apreender a essência, mas ambos (fenômeno e essência) não constituem a mesma coisa. Entretanto, na pseudoconcreticidade, o fenômeno e a essência são tomados como iguais, quando de fato o fenômeno se manifesta imediatamente, já a “coisa em si”, a essência da coisa, a estrutura da realidade não se manifesta de forma direta, demanda a análise científica.

Nesse primeiro capítulo, Kosik (2010) aponta ainda a distinção entre o método da investigação e o método da exposição expressa em Marx. “Aquilo de onde a ciência inicia a própria exposição já é resultado de uma investigação e de uma apropriação crítico-científica da matéria”. (KOSIK, 2010, p. 37) Em relação ao método de investigação, esse afirma que Marx apresenta três elementos fundamentais, que são: a detalhada apropriação da matéria, análise da forma de desenvolvimento do material e a investigação da coerência interna da matéria.

No pensamento comum (forma ideológica de agir humano de todos os dias), criado pela práxis utilitária cotidiana, a “representação da coisa não constitui uma qualidade natural da coisa e da realidade: é a projeção, na consciência do sujeito, de determinadas condições históricas *petrificadas*”. (KOSIK, 2010, p.19, destaque do autor). É função da dialética apontar de onde provêm os fenômenos, como os mesmo se constituem e quais suas (inter)dependências.

Na análise da forma de desenvolvimento do material, é necessário garantir a destruição da pseudoconcreticidade conclamada com o método dialético-crítico para assim alcançarmos a realidade.

A destruição da pseudoconcreticidade como método dialético-crítico, graças à qual o pensamento dissolve as criações fetichizadas do mundo reificado e ideal, como *método revolucionário de transformação da realidade. Para que o mundo possa ser explicado “criticamente”, cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da “práxis” revolucionária.* (KOSIK, 2010, p.22, destaque do autor)

Portanto, é necessária a separação entre o fenômeno e a essência, o que é secundário e o que é essencial para a constituição do conhecimento. Essa separação é o que diferencia a ciência da práxis utilitária, a qual toma o mundo da aparência como mundo real. Na ciência se demanda a decomposição do todo a fim de apontar o que é específico da coisa, pois, se na investigação cairmos na tentação de querer, de antemão, dizer o que é secundário ou essencial, colocamos em risco a própria legitimidade da investigação.

Nesse percurso, ao tratar da “totalidade concreta”, Kosik analisa Spinoza, Popper, Hayek e outros para destacar que muitos definem uma falsa totalidade. Para o autor, é possível observar três aspectos presentes nessas confusões: a totalidade vazia (faltam os reflexos, a determinação dos momentos isolados e a análise); totalidade abstrata (todo é formalizado face às partes, em que

a totalidade é um todo fechado) e a totalidade má (o autentico sujeito é substituído pelo sujeito mitologizado).

Para Kosik, no exame da totalidade, não podemos nos limitar à análise do todo e das partes, mas garantir seu caráter dialético, assumindo a unidade das contradições e a dialética de fenômeno e da essência, da lei e da casualidade, do todo e da parte, da essência e dos aspectos fenomênicos (são, justamente, os elementos contrários que formam uma totalidade). Vale elucidar, por conseguinte, que totalidade não significa para ele que devemos abarcar todos os fatos da realidade investigada, não é essa a compreensão do que é a realidade, mas sim a análise da “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fator qualquer (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido” (KOSIK, 2010, p. 44). Esse processo é central se pretendemos a „destruição” da pseudoconcreticidade.

A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo *se cria a si mesmo* na interação das partes. (KOSIK, 2010, p. 50, destaque do autor)

Portanto, seguindo o materialismo, compreende-se que é possível chegar à verdade, mas não de forma perpétua, já que essa é historicamente datada. A verdade não se apresenta imediatamente ao homem, é necessário desvio para chegar a ela, esse processo demanda explicações com base na própria realidade, buscando os movimentos que a compõem a fim de compreender o que está obscuro e confuso para chegar ao conceito do todo, agora abarcando as suas determinações e relações.

É, nesse sentido, que Kosik destaca que o concreto se torna compreensível por meio da mediação do abstrato, o todo por meio da mediação da parte, pois o caminho da verdade envolve o desvio, já que o todo não é imediatamente cognoscível. O método do pensamento que vai do abstrato ao concreto é, segundo o autor, um movimento do e no pensamento, não significa desse modo o caminho de um plano sensível para o racional, ou seja, é um movimento que ocorre no plano abstrato, cuja base é a negação da imediatidade que envolve os homens de forma sensível na representação, na opinião e na experiência. Esse caminho percorrido do abstrato ao concreto tem na dialética a possibilidade da superação da abstratividade, a dialética do concreto reproduz idealmente a realidade em sua totalidade concreta.

No *segundo capítulo*, “Economia e Filosofia”, o autor explora a “Metafísica da vida cotidiana”, “Metafísica da ciência e da razão” e a “Metafísica da cultura”. Nesse tópico, o autor enfatiza os problemas quanto à própria legitimidade da investigação, quando, de antemão, define

o que é essencial e o que é secundário sem submetê-la à própria investigação científica. Essa que está fadada à dúvida quanto a sua licitude, pois nesse caminho se deseja chegar à realidade por meio de um salto que coloca a investigação acima das aparências fenomênicas, mesmo sem examinar tais aparências, ou seja, sem o complicado processo regressivo-progressivo. “É profundamente errônea a hipótese de que a realidade no seu aspecto fenomênico seja secundária e desprezível para o conhecimento filosófico e para o homem: deixar de parte a aparência fenomênica significa barrar o caminho ao conhecimento real” (KOSIK, 2010, p. 68).

A metafísica da vida cotidiana é empreendida pelo autor em relação aos conceitos: “preocupação”, cotidianidade e a história. “Preocupação” não é um estado psíquico ou um estado negativo do espírito que se alterna com outro positivo, é sim a transposição subjetiva da realidade do homem como sujeito objetivo. A “preocupação” é o enredamento do indivíduo no conjunto das relações que se apresentam a ele como mundo prático-utilitário, assim, ao viver, o homem pertence à preocupação. Nessa vertente, ela é o mundo no sujeito, é: 1. inserimento do indivíduo social no sistema de relações sociais sob o fundamento de seu *engagement* e da sua *práxis*² utilitária; 2. o agir desse mesmo indivíduo, agir que – no seu aspecto elementar – se manifesta como solicitude e preocupação; 3. sujeito de ação (preocupação e solicitude) que se manifesta como indiferenciação e anonimidade” (KOSIK, 2010, p.73).

A preocupação é o aspecto fenomênico do trabalho abstrato. A substituição do “trabalho” pela “preocupação” exprime a modificação da própria realidade objetiva, reflete de maneira mistificada o processo da fetichização das relações humanas, em que o mundo se manifesta à consciência diária como um mundo já pronto, no qual o movimento social do indivíduo se desenvolve como empreendimento, ocupação, como “preocupação”. Homem perde a consciência de que o mundo é criação do homem, pois a “preocupação” invade toda a vida.

O preocupar-se é a práxis no seu aspecto fenomênico alienado, que já não alude à gênese do mundo humano (o mundo dos homens, da cultura humana e da humanização da natureza), mas exprime a práxis das operações diárias, em que o homem é empregado no sistema de “coisas” já *prontas*, isto é, dos aparelhos, sistemas em que o próprio homem se torna objeto de manipulação. (KOSIK, 2010, p.74, destaques do autor)

Para Kosik, a “preocupação” é a manipulação na qual as ações, repetidas todos os dias, se transformaram em hábito e assim são executadas mecanicamente. Gera o caráter coisificado da *práxis* (preocupar-se), no qual a manipulação não se trata mais da obra que se cria, mas do

² Nota técnica: na obra resenhada a palavra práxis é grafada como “praxis”. No presente trabalho regimos com acento, mesmo as palavras presentes nas citações diretas.

homem no mero ocupar-se no mundo já feito e dado, não mais criação do mundo humano, pois já não pensa a obra.

Ao trabalhar esse conceito, o autor retoma a reflexão sobre a divisão do trabalho, trabalho humano abstrato no aspecto fenomênico e a realidade do mundo capitalista do séc. XX. Nesse contexto, se dá a práxis mistificada que não se apresenta como transformadora, mas sim como manipuladora de coisas e homens. Na complexidade do mundo moderno, o autor analisa o mundo dos aparelhos e da sua manipulação, no qual o homem como “preocupação” manipula-os (televisão, automóvel, elevador, etc.) sem compreender a realidade técnica e os sentidos desses aparelhos. Finaliza, salientando que o indivíduo como “preocupação” não vive o presente, mas sim o futuro, pois nega o que existe e antecipa aquilo que ainda não existe, assim reduz a sua vida à inautenticidade.

O leitor encontra ainda, nesse capítulo, a análise da cotidianidade e da história, pois o autor assume que todo modo de existência humana ou de existir no mundo possui a sua própria cotidianidade, como na idade feudal, na qual ainda que na diferença entre as camadas todos viviam a sociedade feudal. O mesmo se dá no mundo capitalista, por exemplo. As gerações vivem a cotidianidade de sua vida como em uma atmosfera natural, sem se indagarem sobre o sentido dessa cotidianidade. Há a compreensão da vida de cada dia como banalidade em oposição à História, a qual, como exceção, constitui o resultado da mistificação. Segundo o autor, essa consciência ingênua vê a cotidianidade como natural ou como realidade íntima, e a História lhe aparece como realidade transcendente, que se desenvolve à socapa que rompe a vida de cada dia de forma abrupta, dividindo a vida em cotidianidade e história que para essa consciência ingênua se apresenta como destino. “Essa divisão corta de um só golpe a realidade em *historicidade* da história e a-historicidade do cotidiano. A História muda, a cotidianidade permanece constante” (p.82). Nessas reflexões, o autor explora como a cotidianidade (que é um produto histórico) é posta à margem da História e vista, consciência ingênua, como oposto da transformação.

Assim, entrelaçando os capítulos do livro, define: “a cotidianidade é o mundo *fenomênico* em que a realidade se manifesta de um certo modo e, ao mesmo tempo, se *esconde*” (KOSIK, 2010, p.83).

Nesse momento da obra, reafirma-se a teoria materialista, na qual todo processo humano é histórico e, assim, se supera a antinomia entre cotidianidade e História, ou seja, entre a cotidianidade não-histórica e a historicidade da história. Tanto na concepção idealista quanto na naturalista, a cotidianidade se vê destituída de dimensões históricas, na primeira se conduz à mistificação da história (ocorre como catástrofe sobre a cotidianidade) e o esvaziamento da cotidianidade (imutabilidade) e, na segunda, “a atenção se concentra na mesquinhez das anedotas

cotidianas, nas simples enumerações e nos quadros documentários da vida imediata” (KOSIK, 2010, p.84). Nessa reflexão, o leitor encontra a análise acerca do sujeito social, falsa coletividade e a relação entre sujeito e objeto. Destaca-se, ainda, que originalmente o que se procura não é o sentido da cotidianidade, mas sim da realidade.

Portanto, para que se possa descobrir a verdade da cotidianidade alienada, o homem deve conseguir dela se desligar, liberá-la da familiaridade, exercer sobre ela uma “violência”. É, nesse ponto, que o autor trabalha a arte moderna como elemento capaz de gerar essa “violência” sobre a cotidianidade, a destruição da pseudoconcreticidade. Retoma a obra de Franz Kafka como exemplo da destruição artística da pseudoconcreticidade. Entretanto, não basta que se represente a verdade da realidade ao homem, essa tem de ser praticada pelo próprio homem. A autenticidade é uma opção histórica, com um conteúdo social e de classe, precisamente determinado.

Em relação à “Metafísica da ciência e da razão”, Kosik se propõe à retomada do sentido da ciência dos novos tempos. O que é a realidade e como conhecê-la? Considerando essa questão, o autor destaca a influência de Galileu sobre a ciência da economia, sujeita-se assim a leis de maneira análoga às leis da natureza física. Na concepção dos fisiocratas, a economia se identifica com a forma burguesa de produção, leis que são vistas como independentes da vontade e da política.

A forma de visão da teoria da sociedade como sistema e *homo oeconomicus* como parte do sistema, segundo o autor, é apreendida com aparência natural e espontânea. A economia é vista como sistema de leis e aponta ao homem características para o seu funcionamento como a racionalidade do comportamento e o egoísmo. Kosik destaca, ainda, a teoria do interesse de Helvetiuns e a teoria da economia de Ricardo, salientando o ensejo dos equívocos.

Apoiado em Gramsci, o autor assinala a conexão do “homem econômico” com a problemática e a realidade da estrutura econômica, em que se produziu a abstratividade do homem. Abstração que se dá ao acentuar certas qualidades do homem e prescindir outras. A economia é a esfera que transforma o homem em homem econômico. É, nesse sentido, que o homem econômico liga-se ao capitalismo como sistema e, como elemento desse sistema, é uma realidade. Na economia clássica, tudo é passível de cálculo, desde o valor dos homens às questões sutilmente morais. O homem na economia clássica é irreal fora do sistema, no sistema é definido de acordo com as suas demandas (como *homo oeconomicus*).

Desde que a realidade social foi entendida como natureza em sentido físico e a ciência econômica como física social, a realidade social se transformara de realidade objetiva em realidade objetual, no mundo dos

objetos. A realidade que a economia clássica descreve com base no próprio método não é realidade objetiva. A economia clássica não descreve o mundo humano no seu aspecto alienado e não mostra como as relações histórico-sociais dos homens são marcadas pela relação e pelo movimento das coisas; ela *descreve a legalidade imanente deste mundo reificado como mundo autenticamente humano, porque não conhece nenhum outro mundo humano, a não ser o mundo humano reificado.* (KOSIK, 2010, p.98, destaques do autor)

Por fim, o autor propõe neste tópico a análise histórica da razão a fim de definir como se dá a inversão na qual a racionalização gera o irracionalismo. Destaca a razão cartesiana, a razão da moderna sociedade capitalista, a divisão do mundo da objetividade e da subjetividade, o moderno “racionalismo radical” dos empiristas lógicos; o cientificismo racionalista, a concepção metafísica que petrifica o racional e o irracional e a razão dialética. Para o autor, a razão dialética não existe fora da realidade e tampouco concebe a realidade fora de si mesma. Como características da razão dialética Kosik apresenta quatro pontos:

1. O historicismo da razão em oposição à supra-historicidade da razão racionalista;
2. Ao contrário [...] da razão racionalista, que parte do simples para o complexo, que parte dos pontos de partida fixados de uma vez por todas para realizar a suma do saber humano; a razão dialética parte dos fenômenos para a essência, da parte para o todo e assim por diante; e concebe o progresso do conhecimento como processo dialético de totalização, que inclui a eventualidade da revisão dos princípios fundamentais.
3. A razão dialética, não apenas capacidade de pensar e de conhecer racionalmente, é ao mesmo tempo o processo de formação racional da realidade, portanto realização da liberdade.
4. A razão dialética é negatividade que situa historicamente os graus de conhecimento já atingidos e a realização da liberdade humana [...]. Não confunde o relativo com o absoluto, mas compreende e realiza a dialética de relativo e absoluto no processo histórico. (KOSIK, 2010, p.108-109)

Em relação à “Metafísica da cultura”, Kosik explora um dos conceitos fundamentais do materialismo marxista, a estrutura econômica, diferenciando-a de fator econômico, que é um conceito recorrente nas teorias sociológicas vulgares. Retomando os conflitos ideológicos travados com a burguesia, Kosik apresenta que o primado do fator econômico constatado por pensadores burgueses, anteriormente a Marx, requer ele mesmo uma explicação materialista; portanto deve ser interpretada com base na estrutura econômica capitalista. Nesse debate, o autor perpassa por diferentes grupos críticos ao marxismo (teorias pluralísticas, teoria atomística dos fatores, etc.) até chegar à definição marxista da estrutura econômica e respectiva diferenciação da teoria dos fatores.

A teoria dos fatores assevera que um fator privilegiado, a economia, determina todos os outros – como o estado, o direito, a arte, a política, a moral – mas deixa de lado o problema de como surge e se configura o complexo social, isto é, a sociedade como formação econômica; e pressupõe a existência de tal formação como fato já dado, como forma exterior, ou como campo onde um fator privilegiado determina todos os outros. A teoria materialista, ao contrário, parte do conceito de que *o complexo social (a formação econômico-social) é formado e constituído pela estrutura econômica. A estrutura econômica forma a unidade e a conexão de todas as esferas da vida social.* (KOSIK, 2010, p.116, destaques do autor)

A filosofia materialista nada tem a ver com a “ideologia do fator econômico”, ela assume o oculto caráter autônomo; ao contrário, diante da realidade social humana se explica a economia como “estrutura fundamental da objetivação humana, como a ossatura das relações humanas, como o fundamento econômico que determina a superestrutura” (KOSIK, 2010, p.122). A essência do homem é a unidade da objetividade e da subjetividade e é no trabalho e por meio dele que o homem criou a si mesmo como aquele que é capaz de criar a realidade. É um ser que na natureza cria uma nova realidade (humano-social).

A arte na mesma direção não é um reconhecimento das representações da realidade, mas, sendo obra e arte, reconhece a realidade e ao mesmo tempo cria a realidade, uma realidade que existe na obra, a realidade da beleza e da arte. O livro remonta a arte como “meio” para conhecer a realidade na sua autenticidade (tome exemplos como a obra de Picasso - Guernica; os dramas de Shakespeare), essas obras exprimem e, ao mesmo tempo, criam a realidade.

Portanto, o leitor encontra no livro a reflexão acerca da arte, na qual o homem (e a sua criação - práxis humana) é retomado como sujeito, como ser que cria a realidade social. E, no trabalho, como criação que se distingue o homem dos outros animais, os produtos indicam o seu criador e dão testemunhos da capacidade criativa do homem. No capitalismo, se separa o trabalho da criação, os produtos dos produtores e transforma em fadiga “incriativa”. Assim, após densa reflexão, o autor apresenta sua interpretação acerca da subjetividade, do sentido da realidade, do sociologismo, do problema da cisão entre totalidade concreta e realidade social, do método de Plekanov e seus equívocos e da tese do condicionamento social da obra de arte.

Outra questão trabalhada, em especial, é a historicidade e o mau historicismo. Ponto fundamental para o debate sobre a possibilidade de passar da opinião à ciência, da doxa à episteme, pois para o autor a capacidade de transcender a situação (o que é necessário para essa passagem à ciência) não significa sair da história, mas é a especificidade do homem como ser capaz de ação e de história, já que tem um caráter ontocriador (como práxis); possui a capacidade de transcender os preconceitos e as circunstâncias para se elevar à verdade e à universalidade. Nessas bases, Kosik rejeita o historicismo, no qual se “deduz a impossibilidade de atingir uma

verdade objetiva” (p.145). Para o autor, a realidade humana não é apenas produção do novo, mas também reprodução (crítica e dialética) do passado. A realidade humana não é uma substância imutável, anterior ou superior à história, ela se cria na história.

A sociedade em que brotou a genial intuição de Heráclito, o tempo em **que surgiu a arte de Shakespeare, a classe em cujo “espírito” se formou a filosofia de Hegel** desapareceram no passado sem retorno, mas o **“mundo de Heráclito”, o mundo de Shaskespeare”, o “mundo de Hegel”** vivem e existem como monumento vital do presente porque enriquecem continuamente o sujeito humano (KOSIK, 2010, p.150).

Portanto, no segundo capítulo, Kosik trilha reflexões sobre a metafísica. Na cultura, destaca a fé no fator econômico, fruto da investigação analítico-metafísica que transforma cada aspecto do complexo social em categorias particulares e em forças independentes (transformado **em abstrações metafísicas) e a conexão entre os “fatores” abstratos é apenas formal ou** mecanicamente causal. Na metafísica da ciência e da razão, se transforma o homem em suma unidade abstrata, inserida em um sistema cientificamente analisável e matematicamente descritível. Na metafísica da vida cotidiana, o homem, **visto com “preocupação”,** é a subjetividade fora de si, assim a transcendência do homem significa que esse com a sua atividade é suprassubjetivo e supraindividual (passagem do idealismo objetivo de Hegel para idealismo subjetivo de Heidegger). O trabalho de tão subdividido e despersonalizado já se apresenta apenas como ocupar-se, **essa passagem do “trabalho” para a “preocupação”** reflete de maneira mistificada o processo de fetichização das relações humanas em um mundo visto como já pronto.

É a crítica análise da metafísica que dá base para o **terceiro capítulo “Filosofia e Economia”,** no qual o autor trabalha dois subtítulos: “A problemática de „O Capital” de Marx” e “O homem e a coisa ou a natureza da economia”. No primeiro tópico, o tema de reflexão é o **significado da obra “O Capital”, mas não os conceitos particulares,** e sim o significado total da obra de Marx.

Explora os problemas que normalmente ocorrem na leitura da obra de Marx, em especial, dos manuais que, com seus limites podem alterar o próprio texto de Marx, pois eliminam, normalmente, a análise dos dados envelhecidos; eliminam trechos que avaliam não estarem diretamente associados à problemática da economia, vulgarizam com a justificativa de tornar o texto acessível(...). Tais questões o levam a uma análise intensa sobre o sentido histórico do texto e como as releitoras são influenciadas e ocultam concepções. Define que a autêntica interpretação garante a especificidade do texto, ou seja, o princípio específico da estrutura da obra.

Em **“O Capital”,** tivemos muitas exposições que não sabiam como proceder aos seus **“trechos filosóficos”,** gerando a impossível compreensão da natureza do texto. E um único texto

é praticamente dividido em dois textos, por isso **“O Capital” provocou confusões entre os intérpretes desde o início.** “Confusão na qual só um ponto era completamente certo: não se trata de uma obra econômica no sentido comum da palavra, nessa obra a economia é concebida de maneira particular, a economia se entrelaça de maneira particular com a sociologia, a filosofia da **história e a filosofia**” (KOSIK, 2010, p.160). Assim, o autor apresenta ao leitor análises sobre a história das interpretações da obra de Marx, com suas diferentes concepções (interpretações logicizantes e metodologicizantes; tomista (...)).

Kosik também busca compreender de que modo Marx concebeu e formulou a relação entre filosofia e economia em cada fase do seu pensamento. Por isso, lança análise sobre as diferentes interpretações realizadas sobre esse processo de Marx. Ao explorar a relação entre o **princípio estrutural e a expressão literária da obra “O Capital”**, Kosik faz importantes apontamentos ao campo da pesquisa e sobre os desdobramentos do método. “A arquitetura de „O Capital” como „todo artístico” ou „articulação dialética” está, sim, em conexão *tanto* com a elaboração literária da matéria, *quanto* com o **método da exposição científica**” (KOSIK, 2010, p.179, destaques do autor).

Dessa maneira, o leitor da obra de Kosik tem acesso à análise que o autor faz dos caminhos desenvolvidos por Marx para a chegada à teoria crítica do capital.

O sistema é descrito na sua totalidade e concreticidade quanto se descobrem as leis imanentes do seu movimento e da sua destruição. O *conhecimento* ou a *tomada de consciência* da natureza do próprio sistema, como sistema de exploração, são a *conditio sine qua non* para que a odisséia da forma histórica da *práxis* chegue a termo na *práxis* revolucionária. (KOSIK, 2010, p.185-186)

Por fim, no **quarto capítulo intitulado “„Práxis” e Totalidade**”, o foco do autor é “A „práxis””; “História e liberdade” e “O homem”. A *práxis* é o grande conceito da filosofia materialista segundo Kosik, o que soa contraditório para a consciência ingênua, que se sustenta na ilusão da certeza. Tal questão aponta o papel da filosofia em abalar a certeza do mundo **comum e da realidade fetichizada**. “A consciência comum toma como óbvio aquilo que a filosofia descobriu, tirando-o da ocultação, do esquecimento e da mistificação e tornando-o **evidente**”. (KOSIK, 2010, p. 218) Nessa obviedade, esse esforço filosófico volta a cair no anonimato e na obscuridade.

Esse processo aponta para o autor o percurso do conceito de *práxis* seguiu, visto que permaneceu na consideração acrítica apenas a ideia de que a “*práxis* é algo incomensuravelmente importante e que a unidade de teoria e prática tem o valor de **postulado supremo**” (218) levando, muitas vezes, à modificação histórica do próprio conceito.

A práxis foi entendida como sociedade, e a filosofia materialista como doutrina da “sociedade do homem”. Em outra transformação, a “práxis” tornou-se mera categoria e começou a desempenhar a função de correlato de conhecimento e de conceito fundamental da epistemologia. Após outra metamorfose, a práxis se identificou com a técnica no sentido mais amplo da palavra, e foi entendida e praticada como manipulação, técnica do agir, arte de dispor homens e coisas, em suma, como poder e arte de manipular o material humano e as coisas. (KOSIK, 2010, p.218)

Com essas mudanças, o próprio sentido da filosofia, o conceito de homem e do mundo modificou-se. Desse modo, nesse percurso da obra, o leitor encontra uma rica análise de Kosik sobre cientificismo e o maquiavelismo. Aponta os equívocos, nos quais o homem é visto como moldável, objeto de uma manipulação calculada e baseada na ciência, ou seja, o homem sob o sórdido aspecto do espectador.

Em oposição a essas vertentes, a problemática da práxis na filosofia materialista envolve as questões filosóficas “quem é o homem, o que é a sociedade humano-social, e como é criada esta sociedade?” (KOSIK, 2010, p.221). Sustenta o autor o conceito da realidade humano-social como o oposto do ser dado, ou seja, como formadora e ao mesmo tempo forma específica do ser humano. Assim, o caráter da criação humana é assumido como realidade ontológica. A práxis, na sua essência, é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo.

A existência não é somente “enriquecida” pela obra humana; na obra e na criação do homem, é que se manifesta a realidade e, de certa forma, se realiza o acesso a ela. Portanto, a práxis na sua essência é a determinação da existência humana como elaboração da realidade. Ser que cria a realidade humano-social e compreende a realidade em sua totalidade (humana e não-humana). A práxis é ativa, mas é atividade que se produz historicamente, é unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade. Na filosofia materialista, o homem

sobre os fundamentos da práxis e na práxis como processo ontocriativo, cria também a capacidade de penetrar historicamente por trás de si e em torno de si, e, por conseguinte, de estar aberto para o ser em geral. O homem não está encerrado na sua animalidade ou na sua socialidade porque não é apenas um ser antropológico; ele está aberto à compreensão do ser sobre o fundamento da práxis e é por isso um ser antropocósmico (KOSIK, 2010, p.226)

O homem faz a história e, ao mesmo tempo, se realiza e se humaniza na história. É retomando diferentes concepções de história que Kosik sustenta duas premissas fundamentais, a primeira, como destacamos, é que a história é criada pelo homem e, a segunda, é a *continuidade*, no

sentido de que o homem não começa sempre de novo e do princípio, mas é marcada pelo trabalho e pelos resultados obtidos pelas gerações precedentes.

Portanto, “O homem” é foco final do livro e, como o próprio Kosik analisa, toda obra apresenta relação entre o princípio estrutural e a sua expressão literária. Assim, ao explorar a “Dialética do concreto”, o autor busca ao longo do livro compreender de que se trata a dialética, para ele trata-se da “coisa em si”, mas essa coisa não é uma coisa qualquer, ou melhor, não é nem mesmo um coisa, a “coisa em si” de que se trata a filosofia “é o homem e o seu lugar no universo [...] a totalidade do mundo revelada pelo homem na história e o homem que existe na totalidade do mundo” (KOSIK, 2010, p.248).

Finalizamos o convite à leitura de “Dialética do concreto”, destacando que a obra apresentada pode contribuir significativamente para o entendimento da filosofia marxista; da metodologia materialista-histórico-dialética e das bases de seu desenvolvimento, o que muitas vezes parece tão distante e complexo daqueles que buscam a pesquisa nessa vertente teórica, pois a mesma colabora com a análise do método do estudo da realidade e da destruição da pseudoconcreticidade, assim como assume o entendimento de que é possível conhecer a “coisa em si” e que a dialética permite-nos conhecê-la.

A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O “conceito” e a “abstração”, em uma concepção dialética, têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa. (KOSIK, 2010, p. 18).

Ao longo do livro, Kosik enfrenta as mistificações do mundo da pseudoconcreticidade, marcado pelas aparências enganosas, da práxis fetichizada, ou seja, o mundo reificado. Nesse caminho, defende a necessidade do alicerce da autêntica práxis.